



**GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA _ UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS _ CAMPUS IV**

**ELEXANDRA LACERDA BAHIA CARNEIRO
PRISCILA MACEDO**

**“O USO DAS SALAS DE BATE – PAPO NA INTERNET: MOTIVAÇÕES,
HÁBITOS E ATITUDES.”**

**Jacobina
2008**

311

**ELEXANDRA LACERDA BAHIA CARNEIRO
PRISCILA MACEDO**

**“O USO DAS SALAS DE BATE – PAPO NA INTERNET: MOTIVAÇÕES,
HÁBITOS E ATITUDES”.**

Monografia apresentada ao Curso de Letras
Vernáculas, da Universidade do Estado da Bahia.

Orientador: Prof^o Antenor Rita Gomes

**Jacobina
2008**



TERMO DE APROVAÇÃO

**ELEXANDRA LACERDA BAHIA CARNEIRO
PRISCILA MACEDO**

**“O USO DAS SALAS DE BATE-PAPO NA INTERNET: MOTIVAÇÕES,
HÁBITOS E ATITUDES.”**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Letras Vernáculas, Universidade do Estado da Bahia – UNEB, pela seguinte banca examinadora:

Antenor Rita Gomes _ Orientador _____
Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia _ ano de 2004

Adriano Antonio Lima Menezes _____
Mestres em Literatura e Diversidade Cultural – UEFS

Raquel Nery Lima Bezerra _____
Mestres em Lingüística pelo Programa de pós-graduação em Letras Lingüística da UFBA _ ano de 2006

Girleide Ribeiro Santos _____
Especialista em Língua Portuguesa: pela UEFS _ ano de 2001
Graduada em Letras Vernáculas – UNEB

Maria das Graças de Freitas Cavichioli _____
Especialista em Língua e Literaturas Portuguesa e Brasileira pela UFPB _ ano de 1986

**Jacobina
2008-06-02**

A

Eliene (in memoriam) e Valdenita, mães queridas, por ter nos ensinado a aprender.
Washington, por tudo: pelo companheirismo, a firmeza nas horas mais difíceis, o apoio fundamental na infra-estrutura doméstica, sem palavras...

AGRADECIMENTOS

São tantos e tão especiais...

Ao nosso Pai maior, pela vida!

A Antenor Rita Gomes, orientador querido sempre atencioso, receptivo e, acima de tudo, um mestre.

A todos os amigos companheiros do dia-a-dia de trabalho, que compartilharam conosco as angústias e alegrias deste momento de nossas vidas.

A todos os nossos mestres de vida, que marcaram nossa trajetória com seus gestos, seus olhares, sua atenção e cujas palavras fizeram parte também desta etapa de nossas vidas.

Muito obrigada por possibilitarem essa experiência enriquecedora e gratificante, da maior importância para nosso crescimento como ser humano.

RESUMO

O objetivo deste estudo foi investigar motivações, hábitos e atitudes em relação às salas de bate-papo na internet entre jovens e adultos. Proporcionando assim uma visão abrangente dos aspectos do uso das salas de bate-papo na internet e seus efeitos colaterais buscando uma postura crítica em face à influência da informatização nas relações humanas. Conclui-se que as salas de bate-papo são vistas principalmente como um ambiente para diversão, não necessariamente implicam em formas diferenciadas das relações face a face, ao mesmo tempo criam uma categoria de pessoas solitárias, que se refugiam nas salas de bate-papo na internet, perdendo o interesse pelos afazeres e prazeres do mundo real, desencadeando problemas de ordem física e social.

Palavras chaves: *internet, comunicação, adolescência.*

ABSTRACT

The objective of this study was to investigate motivations, habits and attitudes in relation to the rooms of chat in the Internet between young e adult. Thus providing to an including vision of the aspects of the use of the rooms of chat in the Internet and its collateral effect searching a critical position in face to the influence of computerization in the relations human beings. It is concluded that the chat rooms are seen mainly as an environment for diversion, not necessarily imply in differentiated forms of the relations face the face, at the same time they create a category of solitary people, that if take refuge in the rooms of chat in the Internet, losing the interest for the tasks and pleasures of the real world, unchaining problems of physical and social order.

Words keys: *Internet, communication, adolescence.*

SUMÁRIO

1. Introdução-----	13
1.1 Metodologia-----	17
2. Fundamentação Teórica-----	22
2.1 Comunicação na Mídia-----	22
2.2 A Internet na era da comunicação-----	27
2.3 Salas de bate-papo-----	29
2.4 Motivações, hábitos e atitudes na rede. -----	31
3. Resultados-----	36
4. Conclusão-----	46
5. Referências-----	51

1. INTRODUÇÃO

O mundo virtual possibilitou a construção de novas formas de interação possuindo características muito peculiares que o diferenciam das interações face a face. No mundo virtual os meios pelos quais se dá a comunicação são mais restritos, podendo ser interpretado como algo positivo e negativo.

Os espaços virtuais trouxeram a possibilidade de se estabelecer uma comunicação no anonimato, caracterizando-se como um espaço lúdico de experimentação para pessoas, que não precisam assumir responsabilidades por seus atos e palavras. Os indivíduos assumem diferentes papéis sem se comprometer com nenhum possibilitando assim a falta de ética e a mentira. Não existe segurança naquilo que é dito. A ausência de identificação acaba deixando as pessoas mais à vontade para falarem sobre fantasias, desejos e angústias mais facilmente.

Segundo Schnarch essa é uma das razões apontadas para a procura por esse tipo de “encontro” _ a partilha de idéias, sentimentos sem compromisso.

A internet (e as salas de bate – papo mais especificamente) parece estar promovendo modificações importantes no que diz respeito à revelação de aspectos íntimos de si mesmo. Parece que ela propicia um ambiente novo, seguro, para que essa exposição de si não traga constrangimentos. Alguns autores dizem até que ela permite uma melhor expressão do verdadeiro que as relações presenciais.

Há autores que vão de encontro a essa afirmação, pois acham que a internet isola os indivíduos, limita suas relações sociais e pode levar a dependência e ao desinvestimento da realidade cotidiana (Leon & Rotunda, 2000). A internet, nessa linha de pensamento, estaria colocando em perigo nossa vida privada, pois informações pessoais podem ser obtidas com o uso de má fé e posteriormente utilizadas para causar danos às pessoas.

Entre os muitos enfoques com que a internet tem sido analisada, a Rede tem sido especialmente focalizada no que diz respeito às identidades. Ela converteu-se num

“laboratório” para a realização de experiências com construções e reconstruções do eu na vida pós-moderna, uma vez que, na realidade virtual de certa forma moldamos e erramos-nos a nós mesmos.

Para Tapscott (1999), de muitas maneiras a Geração Net/Zapping está formando vários tipos de comunidade na internet. O autor assim comenta: “a internet parece constituir-se em um veículo para exploração da individualidade e para que eles (crianças e jovens) se estabeleçam como indivíduos independentes” (p.54). A interação que se estabelece nos chats requer que crianças e jovens desenvolvam valores, exercitem julgamentos, analisem, avaliem, critiquem ou venham a ajudar uma outra pessoa.

É recorrente a afirmação de que a juventude atual substituiu os ideais mais amplos de mudança social e política por objetivos mais imediatos, ligados ao prazer e ao consumo. A citação abaixo foi retirada de um blog da Rede e reflete um esforço de auto-reflexão, em que o autor partilha com outros jovens, leitores dos seus textos, suas angústias existenciais, suas incertezas sobre o seu “lugar”, passando pelos alegados efeitos da mídia em sua vida:

Quem sou... Quem somos?

Sou carne; Sou Quem vida; Inteligência nova; é tragédia humana de sempre; Poeta frustrado; Jornalista incompleto, certo da minha dúvida; Duvidoso das poucas certezas; Fruto do Atare; Herdeiro desgraçado das Xuxas e afins. Sou a eterna angústia adolescente; O medo e a expectativa do que está por vir. Num grito sufocado, uma gota de poesia que desliza entre meus dedos e cai na rede mundial.

Relatos virtuais desse tipo – em que ecoa uma polifonia de vozes e discursos poéticos e prosaicos que circulam em nossa cultura – nos levam a refletir sobre a necessidade de pertencimento deste jovem e de outros jovens a algum lugar, a alguma coisa, a alguma crença a alguma tribo. Nos últimos anos, as mudanças de identidades, sob o impacto cultural do computador conectado a internet, parecem ter dado lugar a uma busca empenhada em entender e dar sentido aos mecanismos da

vida real e virtual. O fato é que, se na vida cotidiana somos constrangidos por inúmeras “ordens de discurso” em que não revelamos determinadas facetas e emoções, na internet, sob um Nickname, atrás de uma tela e um teclado, outras “ordens de discurso” instituem-se e nelas é possível reconstruir nossas identidades como que do outro lado de um espelho, um espelho que nos solicita uma multiplicidade interior na maioria das vezes constituída e narrada por nossos interlocutores virtuais.

Por outro lado, sabe-se que o desenvolvimento das tecnologias dos computadores e da comunicação influenciou, e influencia definitivamente as atitudes da chamada Geração Net. Seo (2000) nos chama a atenção para o fato de que muitos jovens, às vezes, não estão protegidos contra as informações anti-sociais que são veiculadas na Rede, como por exemplo, as relativas à pornografia, armas, violência, informações falsas, violência verbal na comunicação virtual etc. São jovens que têm amigos e vizinhos através da internet. Não lhes interessa se estes vivem ao lado da sua casa ou do outro lado do mundo: são seus amigos virtuais, cibernéticos.

No Brasil a utilização da internet é cada vez maior. Sendo o segundo país no mundo em permanência na web, ficando atrás dos japoneses (Ibope, 2004).

Segundo os dados do Ibope além de “navegar” pela rede, enviar e receber e-mails, os usuários utilizam salas de bate - papo disponível na rede. Mostrando assim que a comunicação por computador vem assumindo na vida das pessoas uma grande importância, evidenciando também a necessidade de melhor compreendermos as características deste meio para então avaliarmos as suas possíveis repercussões sobre os indivíduos. Torna-se claro que a internet modificará a forma das pessoas sentirem, se relacionarem e se verem no mundo.

Mesmo que a internet aqui no Brasil ainda esteja “na infância”, as narrativas nela veiculadas não o são. Logo, quando se trata de culturas juvenis e identidades constituídas na Rede, em salas de bate-papo, listas de discussões sobre os mais variados assuntos, sites, blogs, enfim, neste caleidoscópio que é a Rede, não é possível deixar de ratificar a idéia de que culturas juvenis é o resultado de condições de possibilidades que se criam a partir dos discursos na Rede e da Rede, e isso

constitui identidades. Hall (2000), quando observa sobre as identidades; “elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que do signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu significado tradicional sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna” (p. 109), ou seja, as identidades são construídas através, e não fora das diferenças. Estas afirmativas ratificam os achados: há deslocamentos, desligamentos, “influências” de grupos, resistências.

Todos sabem o quanto nossa imersão em comunidades reais de trocas discursivas, usos de linguagem, enfim, afetam nossos hábitos, nossas “visões”, nossas “percepções”.

A utilização dos Nicknames é um dos grandes marcadores identitários da internet. É uma das principais características que têm sido associadas à questão das identidades virtuais e podem ser vistas como uma das suas principais marcas.

As alternâncias entre diferentes identidades possibilitadas pelo uso da internet, através de chats, de certa maneira desconstroem a metáfora da “solidez” de identidade, e se, há algumas décadas falava-se que as pessoas assumiam diferentes papéis na sociedade, na maioria dos casos isso significava que, mesmo assim, mantinham os laços vitalícios com uma determinada família e comunidade. Mesmo que um suposto controle abrisse algumas brechas eventualmente, tais identidades situavam-se às margens da sociedade ou eram vistas como uma “alternância” de vida ou a chamada “personalidade desdobrada”. Na era pós-moderna, as identidades múltiplas perderam grande parte de seu caráter “marginal”. Muitas pessoas aprendem à identidade como um conjunto de posições de sujeito que podem ser misturadas e acopladas.

Logo, o excerto citado anteriormente extraído de um blog no qual o jovem se pergunta: “Quem sou eu? Quem somos? (...) Sou a eterna angústia adolescente”, nos endereça ao que Hall denomina de “chamamento de sujeito pelo discurso – interpelação – toda a identidade tem necessidade daquilo que lhe “falta” mesmo que esse outro que lhe falta seja um outro silenciado e inarticulado”.

O mais raro de se encontrar na Rede são “corpos dóceis”, no sentido foucautiano, porque se o corpo é constituído e moldado segundo discursos (disciplinares), na internet eu simplesmente “teclo” e invento um corpo “sarado”, desejável; invento uma altura, um tipo de cabelo, uma cor de olho, um bronzado, enfim, constituo-me temporariamente por narrativas de acordo com os padrões para aquele determinado momento e interlocutor.

Viajar na internet exerce um fascínio, ao mesmo tempo em que pode gerar, chegando a ser, como na adição ao jogo, uma compulsão. Nessa fixação os adolescentes visitam sites que lhes permitem novos conhecimentos, conhecer outras realidades, entretanto, também lhes fornece contatos com pessoas desconhecidas, igualmente que com o mundo da pornografia, com suas fantasias sexuais e uma quantidade de imagens que apelam à sexualidade estimulando o namoro virtual com desconhecidos.

Crianças, adolescentes e adultos encontram neste meio, motivo de diversão. Seja qual for a motivação subjacente, o fato facilmente observável é a frequência de exposição a situações de violência e agressão a que estamos sujeitos em nossos dias pela mídia.

Para Maria Luíza Teles {7}, está havendo uma deteriorização de afetividade das pessoas e esse empobrecimento afetivo dificulta o contato do indivíduo consigo mesmo e com os semelhantes, levando-o à busca de emoções violentas, na tentativa de se sentir o outro, ou, então, ao total isolamento. A internet mesmo sendo uma ferramenta que abre as portas da comunicação com o mundo inteiro pode contribuir à solidão e ao isolamento. Na segurança do próprio lar, uma pessoa pode se comunicar com muitas sem ter contato pessoal com ninguém. O uso descontrolado da internet rouba as pessoas do contato essencial com outros.

Esta pesquisa procura compreender motivações, hábitos e atitudes em relação aos relacionamentos virtuais através das salas de bate – papo da internet. O interesse principal será identificar modificações provocadas por esses relacionamentos, assim

como investigar aspectos positivos e negativos da comunicação realizada neste ambiente.

A adolescência é uma fase do desenvolvimento ideal para estudar esse fenômeno, pois tal como é concebida nos dias de hoje, é resultado de transformações ocorridas em nossa sociedade decorrentes da modernização (Ruffino, 1993). Hoje o adolescente é visto tanto como sensível a mudanças sociais como gerador dessas transformações. Esse é um período no qual o indivíduo deve integrar suas experiências passadas às novas capacidades biológicas, cognitivas, emocionais e sociais na conquista de um senso de identidade (Erikson, 1971).

A escolha da mídia, restrita as salas de bate – papo na internet, não foi uma escolha aleatória. A nossa intenção é mostrar que a existência das salas de bate – papo ocorre porque as portas da imaginação são abertas, os diálogos podem lembrar delírios, já que cada um escreve o que lhe é de interesse.

Sendo assim, ficará claro que a palavra escrita é fundamentalmente o que instaura a ordem da imaginação. O texto seduz, e não mais a presença.

1.1 METODOLOGIA

Uma pesquisa é sempre, de alguma forma, um relato de longa viagem empreendida por um sujeito cujo olhar vasculha lugares muitas vezes já visitados. Nada de absolutamente original, portanto, um modo diferente de olhar e pensar determinada realidade a partir de uma experiência e de uma apropriação de conhecimento que são, aí sim, bastante pessoais.

De um modo geral, pesquisas de cunho qualitativas exigem a realização de entrevistas, quase sempre longas e semi-estruturadas. Nesses casos, a definição de critérios segundo os quais serão selecionados os sujeitos que vão compor o universo de investigação é algo primordial, pois interfere diretamente na qualidade das informações

a partir das quais será possível construir a análise e chegar à compreensão mais ampla do problema delineado.

A descrição e delimitação da população base, ou seja, dos sujeitos a serem entrevistados, assim como o seu grau de representatividade no grupo social em estudo, constituem um problema a ser imediatamente enfrentado, já que se trata do solo sobre o qual grande parte do trabalho de campo será assentada.

Numa metodologia de base qualitativa o número de sujeitos que virão a compor o quadro das entrevistas dificilmente pode ser determinado a priori _ tudo depende da qualidade das informações obtidas em cada depoimento, assim como da profundidade e do grau de recorrência e divergência destas informações. Enquanto estiverem aparecendo “dados” originais ou pistas que possam indicar novas perspectivas à investigação em curso as entrevistas precisam continuar sendo feitas.

À medida que se escolhem os depoimentos, vão sendo levantadas e organizadas as informações relativas ao objeto da investigação e, dependendo do volume e da qualidade delas, o material de análise torna-se cada vez mais consistente e denso.

Quando já é possível identificar padrões simbólicos, práticas, sistemas classificatórios, categorias de análise da realidade e visões do mundo do universo em questão, e as recorrências atingem o que o convencionou chamar de “ponto de saturação”, dá-se por finalizado o trabalho de campo, sabendo que se pode (e deve) voltar para esclarecimentos.

No que diz respeito ao número de pessoas entrevistadas, o procedimento que se tem mostrado mais adequado é o de ir realizando entrevistas, até que o material obtido permita uma análise mais ou menos densa das relações estabelecidas naquele meio e a compreensão de “significados, sistemas simbólicos e de classificação, códigos, práticas, valores, atitudes, idéias e sentimentos” (Dauster, 1999, p. 2). Eventualmente é necessário um retorno ao campo para esclarecer dúvidas, coletar novas informações sobre acontecimentos e circunstâncias relevantes que foram pouco explorados nas entrevistas.

Aprender a realizar entrevistas é algo que depende fundamentalmente da experiência no campo. Por mais que se saiba, hipoteticamente, aquilo que se está buscando, adquirir uma postura adequada à realização de entrevistas semi-estruturadas, encontrarem a melhor maneira de formular as perguntas, ser capaz de avaliar o grau de indução da resposta contida numa dada questão, ter algum controle das expressões corporais, são competências que só se constroem na reflexão suscitada pelas leituras e pelo exercício de trabalhos dessa natureza.

Entrevista é trabalho, alerta Zaia Brandão (2000), e como tal “reclama uma atenção permanente do pesquisador aos seus objetivos, obrigando-o a colocar-se intensamente à escuta do que é dito, a refletir sobre a forma e conteúdo da fala do entrevistado” (p.8) _ além, é claro, dos tons, ritmos e expressões gestuais que acompanham ou mesmo substituem essa fala _ e isso exige tempo e esforço.

Para Queiroz (1988), a entrevista semi-estruturada é uma técnica de coleta de dados que supõe uma conversação continuada entre informante e pesquisador e que deve ser dirigida por este de acordo com seus objetivos. Desse modo, da vida do informante só interessa aquilo que vem se inserir diretamente no domínio da pesquisa. A autora considera que, por essa razão, existe uma distinção nítida entre narrador e pesquisador, pois ambos se envolvem na situação de entrevista movida por interesses diferentes.

Camargo (1984) concebe esse formato de entrevista menos como técnica de pesquisa do que como opção metodológica, pois implica uma teoria, e enfatiza as contribuições oferecidas nesse campo pela Antropologia e pela História. A seu ver, essas disciplinas, mais consensuais e homogêneas que as demais, oferecem uma experiência comum ao procedimento, bem como um legado teórico aceito, que devem ser tomados como referência na perspectiva de acumulação de saber científico nesse campo.

Durhan (1986) alerta para as muitas armadilhas embutidas no processo de identificação subjetiva que se estabelece nesse tipo de coleta de dados, especialmente quando entrevistador e entrevistado compartilham um mesmo universo cultural. Nesses casos, adverte, corre-se sempre o risco de começar a explicar a realidade pelas categorias “nativas”, ou seja, de passar a olhar a realidade exclusivamente pela ótica do interlocutor.

De acordo com Velho (1986), o risco existe sempre que um pesquisador lida com indivíduos próximos, às vezes conhecidos, com os quais compartilha preocupações, gostos, valores, concepções. No entanto, analisa que, quando se decide tomar sua própria sociedade como objeto de pesquisa, é preciso sempre ter em mente que sua subjetividade precisa ser “incorporada ao processo de conhecimento desencadeado”, (p.16), o que não significa abrir mão do compromisso com a obtenção de um conhecimento mais ou menos objetivo, mas buscar as formas mais adequadas de lidar com o objeto de pesquisa.

Métodos qualitativos fornecem dados muito significativos e densos, mas, também, muito difíceis de analisarem. Sempre se lê isso em textos sobre metodologias de pesquisa em ciências sociais, entretanto só se tem idéia da dimensão dessa afirmação quando se está diante de seu próprio material de pesquisa e se sabe que é preciso dar conta dele.

Fragmentos de discursos, imagens, trechos de entrevistas, expressões recorrentes e significativas, registros de práticas e de indicadores de sistemas classificatórios constituem traços, elementos em torno dos quais se construirão hipóteses e reflexões, serão levantadas dúvidas ou reafirmadas convicções. Aqui, como em todas as etapas da pesquisa, é preciso ter olhar e sensibilidade armada pela teoria, operando com conceitos e constructos do referencial teórico como se fosse um fio de Ariadne, que orienta a entrada do labirinto e a saída dele, constituído pelos documentos gerados no trabalho de campo.

Depois se trata de produzir “resultados” e explicações cujo grau de abrangência e generalização depende do tipo de ponte que se possa construir entre o micro universo investigado e universo social mais amplo.

Para essa pesquisa foram utilizadas entrevista com questões abertas e fechadas investigando tópicos relacionados às motivações, hábitos e atitudes em relação às salas de bate-papo na internet. Entrevistamos 80 pessoas, jovens e adultos entre 14 e 21 anos. A coleta dos dados veio depois da apresentação do projeto de pesquisa aos entrevistados.

O instrumento foi aplicado em diversas salas de bate-papo de Tema livre na Uol, após uma breve explicação dos objetivos da pesquisa e do pedido de colaboração para o estudo. Eventuais dúvidas dos entrevistados foram esclarecidas antes do começo da entrevista.

Para garantir o sigilo e confidencialidade tomamos alguns cuidados éticos como não perguntar estado civil, nome, cidade onde mora. A entrevista começava com um bate-papo para depois chegar às perguntas de nosso interesse. Para deixar os entrevistados mais a vontade comunicamos a eles que usaremos algumas de suas falas, mas sem identificá-las, e números para representar o resultado e análise da pesquisa.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Comunicação e Mídia

Comunicação é, por definição, a atividade de emitir, transmitir e receber mensagens. A humanidade tem usado a capacidade de se comunicar para desenvolver suas culturas e sua ciência. Hoje, porém, quando falamos em comunicação, estamos nos restringindo àqueles meios criados pela ciência humana para a comunicação de mensagens à distância.

A estrutura da relação entre o fluxo de informação e o público a quem o conhecimento é dirigido vem se modificando com o tempo, como uma função das diferentes técnicas que operam na transferência da informação do gerador e receptor. O fluxo em si, uma sucessão de eventos, de um processo de mediação entre a geração da informação por uma fonte emissora e a aceitação da informação pela entidade receptora realiza uma das bases conceituais que se acredita serem o cerne da ciência da informação: a geração de conhecimento no indivíduo e no seu espaço de convivência.

A publicidade do conhecimento produzido é uma condição necessária para sua validação e socialização, construindo também, um ciclo constante e auto-regenerativo: conhecimento - publicidade – opinião pública – novo conhecimento.

A rapidez e a qualidade desse ciclo e da informação que está sendo legitimada dependerão da velocidade com que se processam os eventos que sucedem na cadeia de eventos da publicidade do conhecimento. A opinião do público a quem se direciona o conhecimento é que vai lhe conferir ou não legitimidade e aceitação. Essa é a sua condição de reingresso no fluxo da informação e conhecimento.

A opinião pública é o resultado esclarecido da reflexão conjunta e pública em que se está presente fisicamente ou através de seus pensamentos inscritos. Daí resulta o postulado da publicidade como princípio: o uso público da própria razão deve ser sempre livre e isso pode fazer brilhar as luzes entre os homens. Cada um está convocado para ser um publicador que fala através de textos ao público propriamente dito, ao mundo (Habermas).

A esfera pública aparece funcionando politicamente na Inglaterra no final do século XVII. Conversações com a intenção de tornar público fatos e idéias aconteciam nos cafés e clubes, sendo considerados foco de agitação.

Em 1711, aparece o jornal *Examiner* e, em 1785, o *Times*, também na Inglaterra. A opinião pública agrega à estrutura oral da presença física a estrutura textual da não presença.

Em 1926, acontece à primeira transmissão de televisão, e os Estados Unidos colocam o primeiro satélite em órbita geoestacionária e, em 1972, a Intel Co. , também nos Estados Unidos, produz o primeiro microprocessador, e a esfera pública se move, também, para o ciberespaço da multipresença.

Pode-se, ainda, exemplificar as modificações estruturais na publicidade do conhecimento e suas conseqüências através dos estágios por que passou a constituição da comunicação na esfera pública: a comunicação oral das culturas tribais, a comunicação escrita da cultura tipográfica e a comunicação cibernética das culturas eletrônicas. A comunicação oral auditiva era própria das culturas tribais que viviam em um mundo fechado de ressonância tribal e com o sentido auditivo da vida. O ouvido é sensitivo, dependente para a harmonia de todos os membros do grupo. O que um sabia todos sabiam no mundo de espaços acústicos, espaços simultâneos. O indivíduo era emocional, mítico e ritualista. No fluxo de informação oral, o tempo e o espaço se realizavam no momento da transmissão da mensagem.

Na cultura escrita, o espaço visual é uma extensão e intensificação do olho, o espaço é uniforme, seqüencial e contínuo. O campo visual é sucessivo, fragmentado, individualista na interpretação de cada observador, explícito e especializado na sua estrutura: um texto de Física nunca será de Sociologia. A escrita deu ao homem

valores visuais lineares e uma consciência fragmentada, ao contrário da rede de convivência profunda dos espaços auditivos, em que a comunicação podia ser multivariada. Fragmentou o espaço de convivência com os indivíduos posicionados em um tempo linear e um espaço euclidiano. A tipografia terminou de vez com a cultura tribal e multiplicou as características da cultura escrita no tempo e no espaço. O homem passou a raciocinar de maneira linear, seqüencial alfabética, categorizando e classificando a informação. Tornou-se um ser especializado em sua produção de novos conhecimentos.

Essa passagem da cultura tribal para a cultura escrita/tipográfica foi uma transformação tão profunda para o indivíduo e para a sociedade, como vem sendo a passagem da cultura escrita para a cultura eletrônica que ora presenciamos. O desenvolvimento, a vivência a especialização do conhecimento na cultura escrita/tipográfica influíram na ocorrência da revolução industrial e do nacionalismo radical, fatos relevantes da história da humanidade. As transformações que estão ocorrendo com a passagem para a cultura eletrônica ainda estão se delineando.

Contudo, a chegada da comunicação eletrônica da informação de conhecimento modificou novamente a delimitação de tempo e espaço da informação. A importância do instrumental da tecnologia da informação forneceu a infra-estrutura para modificações, sem retorno, das relações da informação com seus usuários.

Também no relacionamento com seus receptores, foi importante todo o instrumento tecnológico desenvolvido, que permitiu as transformações associadas à interação individual com as memórias de informação e a conectividade aos diferentes espaços de acessos a essa informação.

A comunicação eletrônica modificou estruturalmente o fluxo de informação e conhecimento, atuando basicamente nos seguintes pontos:

- A interação do receptor com a informação: o receptor da informação deixa a sua posição de distanciamento alienante em relação ao fluxo de informação e passa a participar de sua fluidez como se estivesse posicionado em seu interior. Sua intenção com a informação é direta, conversacional e sem intermediários;

- Tempo de interação: o receptor conectado on-line está desenhando a sua própria interação com o fluxo de informal em tempo real, isto é, com uma velocidade que reduz o tempo de contato ao entorno de zero. Essa velocidade de acesso e uso o coloca em nova dimensão para o julgamento de valor da informação, o receptor passa a ser o julgador de relevância da informação acessada em tempo real, no momento de sua interação e não mais uma condição ex-post de retro alimentação intermediária.
- A estrutura da mensagem: em um mesmo documento, o receptor pode elaborar a informação em várias linguagens, combinando texto, imagem e som. Não está mais preso a uma estrutura linear da informação, que passa a ser associativa em condições de hipertexto “As we may think” (como pensamos), diria Vannevar Bush em artigo histórico. Cada receptor interage com o texto da mensagem circularmente, e cria seu próprio documento com a intencionalidade de uma percepção orientada por sua decisão;
- A facilidade de ir e vir: a dimensão de seu espaço de comunicação é ampliada por uma conexão em rede, o receptor passeia por diferentes memórias ou estoques de informação no momento de sua vontade.

A comunicação eletrônica coloca o receptor como se virtualmente estivesse posicionado em diversos elos de sua cadeia.

Não só a publicidade do conhecimento se torna mais rápida, como o seu acesso e julgamento ficam facilitados. A assimilação da informação, o estágio que antecede o conhecimento público, torna-se mais operante devido às novas condições da estrutura de informação e das possibilidades espaciais criadas pela conectividade.

Por muito tempo, foi atribuída ao computador a sua tecnologia de processamento de texto à vilania contra a linguagem natural. Seria o computador o culpado por reduções semióticas, devido a sua peculiar forma de lidar com a linguagem.

Entretanto sabe-se, que o fator de maior entrave ao desenvolvimento do pensamento e ao livre fluxo da informação e a ideologia envelhecida daqueles que defendem os rituais de ocultamento da informação ao reformatarem as mensagens com seus instrumentais de metalinguagens, metaconhecimentos e universos semânticos privados.

A comunicação eletrônica surgiu para libertar o texto e a informação de uma ideologia envelhecida e autoritária dos gestores da recuperação da informação, defensores de uma pretensa qualidade ameaçada, os fatais intermediários e porta-vozes que vêm seus poderes ameaçados cada vez mais pela facilidade da convivência direta entre os geradores e consumidores da informação.

O instrumental tecnológico que possibilita essa nova interação é restrito em termos econômicos e de aprendizado socialmente pouco difundido, contudo, isso não pode anular as condições técnicas que colocam a comunicação eletrônica como uma nova e mais eficiente maneira de divulgar as mensagens intentadas para diversas tribos de informação, com a intenção de criar conhecimento.

Assim, os meios de comunicação, que já foram pombos-correios, tambores ou mesmo sinais de fumaça, hoje são principalmente os livros, os jornais e as revistas (os meios impressos) e a internet e outros meios criados pela ciência da informática.

Na década de 90 começou-se a empregar a palavra *mídia* de uma maneira mais ampla. Em muitas das publicações especializadas, porém, *mídia* é utilizada no mesmo sentido de imprensa, grande imprensa, jornalismo, meio de comunicação, veículo. Às vezes, é citada no plural, mídias, num esquecimento – deliberado ou não – de sua origem latina como plural de médium (médio).

A palavra *mídia* é mais utilizada nos estudos que relacionam os campos da Comunicação e da Política, e da Comunicação e Economia Política; estudos estes que se constituem específicos da Comunicação e, ao mesmo tempo, temas multidisciplinares, compartilhados por outros campos do conhecimento.

Já na concepção de Silverstone *mídia* pode ser muito mais que empresas de comunicação e os profissionais que trabalham nelas, como também podem ser feitos a partir do ponto de vista dos usuários e das audiências (...) *Mídia* é tanto tecnologias como processos de mediação, ou seja, instrumentos que permitem maneiras de encontrar, assegurar e comunicar significados. Sem *mídia* não há “comunicação”, ainda afirma Silverstone para em seguida construir uma equação de eficiência em

comunicação de massa. Ela é composta por V (velocidade com que se atinge um público) x Q (quantidade de público) = I (investimento).

Considera-se então, que a mídia tem o papel de manter a população informada. A população, por outro lado, não deve se colocar como mera receptora passiva daquilo que é veiculada pelos meios de comunicação. Para tanto, é necessário que cada pessoa exercite sua atitude crítica, filtrando as informações recebidas, questionando-as, fazendo um contraponto e buscando, na opinião pública, uma opinião própria, particular, com a qual se identifique e na qual acredite. Porém, o que normalmente ocorre é o oposto. A mídia costuma distorcer os dados e descreve-los incompletos. O público, de outro lado, acaba por recebê-los como descrição fiel da realidade.

É sabido também, que velocidade com que a mídia eletrônica se transforma está fazendo com que pessoas e discursos estejam em muitos lugares ao mesmo tempo, distâncias sejam abreviadas, imagens e sons circulem vertiginosamente, capitais se reúnam pessoas se “aproximem” virtualmente e, por que não dizer, “realmente”. A isso Hall (1997) denomina de “deslocamentos”. Deslocamentos aqui relacionados com o fato de que o mesmo artefato, o mesmo discurso pode se deslocar de modos diferentes, ao mesmo tempo, e estar em vários lugares.

A mídia eletrônica se apresenta como um avanço tecnológico capaz de modificar nosso comportamento, com um discurso que se materializa em novas condições de possibilidades, em novos espaços e em novas formas que ele assume.

Essa tendência à homogeneização, anunciada por Hall (1997, p.19), necessita, mas do que nunca de “diferenças” de “novas identificações”. Então, ao invés de um sincretismo que funde manifestações culturais numa só – a chamada cultura Global da mídia – teríamos a criação de novas alternativas, não reducionistas e sim pluralistas e multifacetadas.

2.2 Internet na era da comunicação

Sendo a internet uma rede de redes de computadores que se comunicam de forma transparente ao usuário através de um protocolo comum ela tem revolucionado o mundo

dos computadores e das comunicações como nenhuma outra invenção foi capaz de fazer antes. A invenção do telégrafo, telefone, rádio e computador prepararam o terreno para esta nunca antes havida integração de capacidades. A internet, de uma vez e ao mesmo tempo, é um mecanismo de disseminação da informação e divulgação mundial e um meio para colaboração e interação entre indivíduos e seus computadores, independentemente de suas localizações geográficas.

A internet é sem dúvida uma rede constituída por nós e ligações. Qualquer computador é um nó dessa rede ao poder estar ligado por fios ou ondas de comunicação. Assim, essa é como um armazém com grandes quantidades de dados e informações, um registro do conhecimento humano que mudou a forma de acesso, produção e comunicação dos conhecimentos, o que a escrita demorou centenas (ou milhares) de anos. Em trinta anos, a internet deixou o gabinete dos investigadores e invadiu os escritórios e as casas das pessoas; suas características de configuração têm implicações diversas nas atividades e processos humanos. As potencialidades significam algumas das vantagens reconhecidas e as limitações são alguns desafios a serem concretizados.

A internet abriu as portas para que todos os pequenos universos virtuais espalhados pelo mundo se interligassem. Se antes as pessoas tinham a impressão de estar interagindo com algo real no computador, com a interligação destes, o universo virtual se espalhou pelo mundo. Eis a Aldeia global. Sabe-se que a internet é bem mais que uma super valorização de um punhado de máquinas interligadas entre si.

Pierre Levy destaca a formação de uma inteligência coletiva, modelada pelo acelerado intercambio de informações e novas formas de compartilhamento das mesmas.

A internet reúne três campos que pareciam distintos uns dos outros até o advento da *web*, que são a cultura, a comunicação e a informação, ou seja, as fronteiras entre estes três temas foram quebradas, desapareceram. A própria palavra escrita, a fala, as imagens fixas e as imagens em movimento, a música, os sons variados, enfim, tudo se encontra reunido na Rede.

Entre os vários enfoques com que a internet tem sido analisada, a Rede tem sido especialmente focalizada no que diz respeito às identidades. Ela converteu-se num

“laboratório” para a realização de experiências com as construções e reconstruções do “eu” na vida na vida pós-moderna, uma vez que, na realidade virtual, de certa forma moldamo-nos e criamo-nos a nós mesmos.

Para Turkle (1997), o ciberespaço ou espaço virtual, já prenunciado em filmes e romances de ficção científica, hoje em dia faz parte de nosso cotidiano. Quando trocamos e-mails ou conversamos com amigos em salas de bate-papo, além de estarmos nos deslocando por espaços e comunidades “fictícias”, criadas por nós mesmos. E elas, podem variar conforme nossas contingências e circunstâncias do momento, interesses mediatos e imediatos, estados de humor, ou mesmo destinatários das nossas mensagens, ou seja, “nas comunidades” em tempo real do ciberespaço encontramos-nos no limiar entre o real e o virtual, inseguros de nossa posição inventando-nos a nós mesmos à medida que progredimos.

A internet, segundo esta linha de pensamento, estaria colocando em risco nossa vida privada, pois informações pessoais podem ser obtidas com o uso de má fé e posteriormente utilizadas para causar danos às pessoas. É o caso, por exemplo, de indivíduos pedófilos que podem encontrar seus potenciais vítimas através da rede (Griffits, 1997); ausência de segurança a respeito de dados confidenciais dos usuários pode gerar formas de controle social.

Além de “navegar” pela rede, enviar e receber e-mails, umas substanciais parcelas dos usuários também utilizam as salas de bate-papo disponíveis na internet; isso comprova a crescente importância que a comunicação por computador vem assumindo na vida das pessoas, e evidenciam a necessidade de melhor compreendermos as características deste meio a fim de podermos avaliar as suas possíveis repercussões sobre os indivíduos.

O crescimento e a importância da utilização da internet no cotidiano dos brasileiros teceram um conjunto de considerações sobre os impactos do uso das salas de bate-papo na vida de usuários da rede, que sem dúvida, modifica a forma das pessoas sentirem, se relacionarem e se verem no mundo.

Há aproximadamente 20 anos, os microcomputadores começaram a fazer parte da lista de produtos indispensáveis em nossas casas e a aquisição desse componente vem se tornando cada vez mais acessível à classe média e até alguns segmentos das classes mais baixas. Associado a essa conquista, seguiu-se o acesso cada vez mais irrestrito à internet, o que modificou alguns hábitos nas comunicações interpessoais. Em face dessa nova realidade, surgiram os meios de comunicação virtual, os chats, espaços em que pessoas que normalmente não se conhecem interagem eletronicamente.

Por trás de tal recurso tecnológico, encontra-se um indivíduo que, por meio de um vídeo e um teclado, às vezes uma webcam e um microfone, chega a passar horas seguidas “hipnotizadas” pelas fantasias advindas dessa interação. O anonimato do Chat oferece um grande “escudo” defensivo. Por detrás de um nick (apelido), o sujeito se sente protegido, já que sua apresentação física não é exposta.

2.3 Salas de bate-papo

As Salas de Bate-Papo são “espaços” na internet onde os usuários podem conversar ao vivo por meio de mensagens escritas. Ou seja, ambientes de interação com as outras pessoas. Para cada tema, há um grupo de salas correspondentes. Esta divisão facilita o usuário a encontrar a sala que aborda o assunto que deseja. As salas de Bate-Papo são os “locais” favoritos dos internautas que buscam comunicação. Ali, os usuários podem conversar em tempo real, com várias pessoas simultaneamente. Existem grupos que se encontram todos os dias e fazem amizades que se estendem por anos. E algumas até saem do computador. Estas salas são criadas a partir de um critério específico: podem ser determinados pela idade dos visitantes, pela profissão, interesses, objetivos (amizade, romance, etc) e vários outros. Esta organização facilita as conversas, pois todos que entram em um bate-papo já começam com algo em comum, que o fez optar por determinada sala.

As salas de Bate-Papo são hoje umas verdadeiras febres nos sistemas de informação e comunicação. Depois do e-mail, o Chat é o recurso digital de base escrita mais utilizado nas interações via rede de computadores. Nos provedores de entretenimento, essas salas têm sido usadas para todo tipo de contato interpessoal, promovendo assim as

mais diversas interações. A internet (e as salas de Bate-Papo mais especificamente) parece estar promovendo modificações importantes na forma das pessoas se relacionarem, especialmente no que tange à revelação de aspectos íntimos do si mesmo. Ela parece estar propiciando um novo ambiente, mais seguro, para a exposição de se isentar de constrangimentos e sanções sociais devido às características do contexto.

Quase sempre as salas de Bate-Papo se destinam os encontros sociais: as pessoas conversam informalmente sobre vários assuntos, acabam se conhecendo e, dependendo dos interesses, passam a se “encontrar” com certa periodicidade. Essa forma de comunicação síncrona acaba gerando grupos de usuários que se transformam em “freqüentadores” de uma ou outra sala, bem aos moldes dos encontros sociais presenciais (barzinhos, clubes, turma da escola, etc.).

Uma grande quantidade de brasileiros freqüenta Chats diariamente. Numa sala de Bate-Papo Virtual é possível conversar com 40 interlocutores simultaneamente. Eles são anônimos e para se protegerem, apresentam-se através de apelidos. A comunicação é instantânea entre pessoas de diferentes localidades, podendo ser até de diferentes países, pois a pergunta e a resposta são enviadas simultaneamente, a todos os participantes da sala virtual. As discussões virtuais são realizadas em tempo real, podendo ser feitas através de mensagens escritas ou e voz e, além disso, o próprio usuário pode criar e usar vários símbolos.

Algumas salas de Bate-Papo atraem especialmente os jovens. Milhões deles de várias culturas trocam opiniões todo dia sobre praticamente qualquer assunto. Algumas escolas usam esse recurso. Por exemplo, com a supervisão do professor, estudantes americanos podem debater temas sociais com estudantes da Espanha, Inglaterra ou de outro lugar; podem até conversar sobre um trabalho escolar com um engenheiro, um químico ou um outro especialista. No entanto, muitos que usam as salas de Bate-Papo não estão lá para conversar sobre assuntos escolares.

As salas de Bate-Papo podem se caracterizar pelo registro informal (abreviaturas etc) e possui um “dialeto próprio” dos usuários. Além dos recursos verbais, há também outros tipos, como os emoticons (que expressa o que a pessoa está sentindo etc).

Geralmente as pessoas usam seus apelidos/codinos para não serem identificadas. Um ponto interessante é o fato que copiar falas dos chats pode ser uma atividade bastante interessante para sala de aula: discutir esse “dialeto próprio” pelos “navegantes”, conversar sobre linguagem oral e escrita, a proximidade da linguagem dos chats com a linguagem oral, os apelidos, o porquê dos apelidos, o motivo pelo quais os usuários não querem ser identificados, será que os “emoticons” servem mesmo para representar sentimentos semelhantes que demonstram quando conversamos frente com as pessoas, etc.).

Alguns autores supõem que as salas de Bate-Papo, por possibilitarem o anonimato e o uso da imaginação/criação de personagens, poderiam estar revolucionando o falar-de-si, as relações interpessoais e a própria identidade dos indivíduos. Turkle (1995) e Suller (2000) consideram que a ausência de identificação e de contato físico possibilitaria a exploração do outro e de si próprio num ambiente de relativo controle e segurança.

2.4 Motivações, hábitos e atitudes na rede.

Embora as salas de Bate-Papo sejam um fenômeno recente, a tendência de mentir e enganar é tão antiga quanto a História. Para a psicóloga, Gabriela Lopes Coser é natural que os jovens inseridos em contextos onde o computador esteja cada vez mais presente em suas vidas, queiram e se utilize de recursos como o Bate-Papo virtual para se comunicarem com os amigos.

Ela destaca que o computador muitas vezes, está mais acessível para a criança ou o adolescente que qualquer amigo, e que a vida corrida dos pais, assim como o excesso de particularização das criações de hoje em dia, só colaboram para que essa tendência de comunicação via internet aumente. No entanto, apesar de acreditar que existem explicações para o fato, a psicóloga alerta: “É preciso ter consciência que essa é só mais uma forma de comunicação, não se podendo nunca ignorar o contato pessoal”. Ela explica que uma conversa virtual, não cria na criança e no adolescente, que ainda estão em formação, a noção de afeto, solidariedade e habilidade social.

Essas pessoas sentem-se de alguma maneira motivadas a estarem nas salas. Atribuimos à motivação tanto a facilidade quanto a dificuldade que um indivíduo tem em aprender coisas ou em esforçar-se para modificar situações indesejáveis de sua vida. Quem ensina ou trabalha como terapeuta, também tem que está motivado por sua atividade para proporcionar o sucesso de sua prática. A motivação mobiliza os indivíduos para suas ações e, para isto, temos que considerar a necessidade de um ambiente estimulante. Para sentirmos motivação na realização de alguma coisa, é necessário que já tenhamos feito antes e tenha sido uma boa experiência, ou gostarmos de coisas semelhantes.

Normalmente a motivação é definida como um estado interior que estimula, dirige e mantém comportamento. Os psicólogos ao estudarem a motivação, tentaram responder a perguntas como: que escolhas as pessoas fazem relativamente ao seu comportamento, o que faz uma pessoa persistir ou desistir de uma atividade, qual o nível de envolvimento na atividade escolhida e o que pensa e sente o indivíduo durante esse envolvimento, entre outros.

Então vemos que os impulsos, necessidades, incentivos, medo, objetivos, interesse, pressão social, crença, valores, expectativas, entre outros nos faz com que nos sintamos motivados. Algumas explicações enumeradas acima se baseiam em fatores pessoais, internos como, por exemplo, as necessidades, os medos e os interesses. Nas outras são fatores ambientais, externos que estão em foco – a pressão social, os incentivos. Dessa divisão vem à divisão principal que podemos fazer dos tipos de motivações: intrínseca e extrínseca.

Motivação intrínseca é a tendência natural de procurar interesses pessoais e exercemos aptidões, sendo que não são necessárias recompensas para prosseguirmos a atividade, já que esta é recompensadora em si mesma. Foi definida por James Raffini como “O que motiva a fazer algo, quando não temos de fazer nada”.

Motivação extrínseca será a motivação baseada numa recompensa, ou numa tentativa de evitar um castigo, ou seja, quando exercemos uma determinada atividade devido a uma razão que pouco tem a ver com a dita.

Não é fácil distinguir, observando apenas o comportamento. A diferença essencial está na razão da pessoa para agir. A motivação é intrínseca se a razão vier de dentro da pessoa, extrínseca se vier de fora. Muitas vezes podemos nos sentir tentado a assumir que um determinado comportamento é motivado intrínseca ou extrinsecamente, sendo que na maioria das vezes a motivação é intermediária, como no caso em que a pessoa internaliza uma causa externa, ou seja, quando toma como suas razões, as razões que inicialmente eram externas.

A motivação é um objeto de estudo essencial na teoria do comportamento. Para os comportamentalistas, a motivação é explicada com conceitos como recompensa e incentivo, sendo a recompensa um objeto ou evento atrativo fornecido como consequência de um comportamento particular, e o incentivo um objeto ou evento que encoraja ou desencoraja comportamento.

A motivação para os comportamentos é vista como extrínseca. Os humanistas enfatizam fontes intrínsecas de motivação, como as necessidades de “auto-realização”, a “tendência realizadora” inata ou “necessidade de autodeterminação”. Em comum, estas diferentes explicações têm a crença de que as pessoas são continuamente motivadas pela necessidade inata de realizar os seus potenciais.

Outra abordagem em que a motivação intrínseca terá mais importância é a cognitiva. Os cognitivistas acham que o comportamento é determinado pelo nosso pensamento, e não apenas pelas recompensas que tenhamos eventualmente recebido. São fatores internos que determinam o nosso comportamento.

Finalmente, a teoria conciliadora: a Aprendizagem Social. Os teóricos defendem a integração das abordagens comportamentalistas e cognitivistas: tanto os efeitos do comportamento, como o impacto de crenças e expectativas individuais é tido em conta. Essa motivação é vista como o produto da expectativa de um indivíduo de atingir um determinado objetivo e o valor do mesmo para ele – teoria da expectativa X valor. Se qualquer um dos fatores for zero, então a motivação também será nula.

Sendo hábito o comportamento que determinada pessoa aprende e repete frequentemente, sem pensar como deve executá-lo muitas ações da vida cotidiana

constituem hábitos. O hábito difere do instinto, que é um comportamento inato, não aprendido.

Onde quer que haja tendência para aprender, processos autocorretivos, mudanças de hábito, onde quer que haja ação guiada por um propósito haverá inteligência (Santaella, 1992, p.79). Pierce define hábito como “princípio geral”, “regra ativa”, “especialização da lei da mente através da qual uma idéia ganha o poder de excitar reações”. Martian Merritt, gerente de segurança da Symantec, afirma que “o estudo nos permite entender melhor os hábitos tecnológicos do usuário e como a era da internet está moldando a paisagem cultural global”.

Um desses hábitos é a amizade on line. Pois, muitos usuários visitam chats com o intuito de fazer amizade: homens e mulheres não se diferem quanto aos motivos pelos quais utilizavam as salas de conversação, tendo predominado as opções “se divertir” e “conhecer pessoas”.

O registro informal (abreviaturas etc.), os recursos verbais, apelidos/codinos para serem identificados podem ser tidos como alguns hábitos dos usuários das salas de Bate-Papo.

Esse modo de proceder ou agir faz parte das atitudes dos jovens nas salas de bate-papo. Na psicologia, o termo atitude ganha ainda mais força: “Mudar atitudes representa alterar as características pessoais, padrões morais e éticos”, explica a psicóloga social Cláudia Stella. Segundo ela, adotar uma nova postura provoca mudanças no grupo e no meio em que se vive. E mais a famosa volta por cima sempre acontece a partir de uma situação de sofrimento.

Os primeiros estudos sobre atitudes partiram do pressuposto que atitudes previam os comportamentos. Segundo Jean Meynard, “É uma disposição ou ainda uma preparação para agir de uma maneira de preferência a outra. As atitudes de um sujeito dependem da experiência que tem da situação à qual deve fazer face”. Pode se dizer também que é a “Predisposição a reagir a um estímulo de maneira positiva ou negativa”.

As atitudes possuem três componentes básicos: componente cognitivo, aquilo que pensamos e acreditamos; componente afetivo, nossos sentimentos e emoções; componente comportamental, que se referem as nossas tendências para reagir.

Segundo Kardec (1978, p.7) uma atitude está formada quando esses componentes se encontram de tal maneira inter-relacionados que os sentimentos e tendências reativas específicas ficam coerentemente associadas com uma maneira particular de pensar em certas pessoas ou acontecimentos. Desenvolvemos nossas “atitudes” quando enfrentamos e ajustamo-nos ao meio social e uma vez desenvolvido, emprestam regularidade aos nossos modos de reagir e de facilitar o ajustamento social.

Os processos condizentes à aquisição de atitudes podem ser: pelos resultados de nossa própria experiência e nossas tendências e preconceitos perceptivos, nossas observações, reações de uma outra pessoa em situação específica, nossa observação dos resultados das experiências de outra pessoa.

Atitude é, portanto uma intenção de se comportar de certa maneira, a intenção pode ou não ser consumada, dependendo da situação ou das circunstâncias. As mudanças nas atitudes de uma pessoa podem demorar muito para causar mudanças de comportamento que, em alguns casos, podem nem chegar a ocorrer.

Para Kardec (1978, p.15) embora as tentativas de modificar ou substituir “atitudes” assentem-nos mesmos princípios de aprendizagem, é evidentemente muito mais difícil mudar ou esquecer “atitudes” do que aprendê-las. As pessoas costumam buscar uma sensação de equilíbrio entre suas crenças, atitudes e comportamentos.

3. RESULTADOS

Estar aqui, estar lá. Isso não parece ser muito importante num chat entre jovens. Há uma espécie de “identificação” primária, do tipo “será que somos da mesma tribo?”.

Milhões de crianças e jovens ao redor do mundo, dentre aqueles que têm condições de ter acesso a um computador, estão neste momento conversando em chats online, ora para discutir um interesse comum, tal como esporte, guitarra, violão, grupos musicais, shows, ora sem nenhum propósito específico. Esta conversação passa pelo “querer estar com alguém” e interagir com outros da sua própria idade, às vezes até o “querer se conhecer pessoalmente”. E é neste contexto que se afirma que está surgindo uma nova cultura jovem, “que envolve muito mais do que simplesmente cultura de música pop, MTV e filmes, são uma nova cultura no sentido mais amplo, definida como os padrões socialmente transmitidos e compartilhados de comportamento, costumes, atitudes e códigos tácitos, crenças e valores, conhecimento e formas sociais”. (Tapscott, 1999, p. 53)

Depois de entrar algumas vezes nas salas de bate-papo Tema Livre da UOL, a qual foi escolhida para realização da pesquisa no período de dois meses, entradas essas que aconteciam sempre depois das 14 h “conheci” S. M. P. Ao perguntar quais os motivos que a levava a se conectar ela diz que para evitar a solidão, se livrar de problemas e preocupações. “Toda minha vida sempre fui só. Quando surgiu a internet pude fazer amizades e não sou mais uma pessoa só. Sempre que quero conversar entro nos chats e esqueço até mesmo dos meus problemas que são muitos”. Ela disse ainda se divertir enquanto conversa com pessoas nos chats e que foi através deles que encontrou uma pessoa “especial”. Ficou evidente também que a mesma se sentia rejeitada quando disse: “As pessoas nas ruas costumam valorizar a beleza exterior esquecendo-se de olhar o que temos de bonito por dentro”. A grande maioria delas por serem tímidas consegue na internet se soltar deixando a timidez de lado.

TABELA 1

<i>Com que objetivo se conecta.</i>			
	% Mulheres	% Homens	% Total
Se divertir	78,5	69,4	74,4
Conhecer pessoas	50,6	46,9	48,8
Outros	13,9	22,4	17,8
Evitar a solidão	7,6	16,3	10,9
Se livrar de problemas/preocupações	10,1	8,2	9,3
Arranjar um (a) namorado (a)	2,5	0,0	1,6
Procurar pessoas para sair	0,0	6,1	2,3

As freqüências dos motivos declarados para utilização das salas de bate-papo são exibidas na Tabela 1. Estes resultados mostram que os principais objetivos dos jovens participantes deste estudo na utilização das salas de bate-papo foram à procura por diversão e conhecer pessoas. No que diz respeito à “outros” motivos foram citados: passar o tempo, esperar enquanto estão realizando outros procedimentos na internet (download de programas e músicas) e conversar com amigos conhecidos. Verificou-se também uma diferença estatisticamente significativa entre os sexos no que se refere ao motivo procurar pessoas para sair, sendo que os homens assinalaram esse motivo numa proporção maior do que as mulheres (nenhuma mulher citou essa opção). Por outro lado, nenhum homem indicou o motivo arranjar um (a) namorado (a). Outros motivos para a utilização da rede que representaram uma proporção superior masculina foram evitar a solidão e ter relações sexuais virtuais.

Entre os vários enfoques com que a internet tem sido analisada, a Rede tem sido especialmente focalizada no que diz respeito às identidades. Ela converteu-se num “laboratório” para a realização de experiências com as construções e reconstruções do “eu” na vida pós-moderna, uma vez que, na realidade virtual, de certa forma moldamos e criamos-nos a nós mesmos.

R. B. N. afirmou que costuma mudar seus dados pessoais na Rede. “Se eu disser que sou baixinho, gordinho, careca e que tenho 42 anos ninguém vai querer conversar comigo”. “Daí eu digo ser quem a pessoa que está do outro lado espera que eu seja: moreno, sarado, alto e de 22 anos (rsrsrs)”.

O mais raro de se encontrar na Rede são “corpos dóceis” no sentido foucautiano, porque se o corpo é construído e moldado segundo discursos (disciplinares), na Internet simplesmente “tecla-se” e inventa-se um corpo “sarado”, desejável; inventa-se uma altura, um tipo de cabelo, uma cor de olhos, um bronzeado, enfim, constituem-se temporariamente por narrativas de acordo com os padrões para aquele determinado momento e interlocutor. É fictício? Sim, é, mas quem de nós, na vida real, ao ver seu corpo refletido no espelho, ao ouvir sua própria voz (gravada ou não), ao reler um texto seu, não se inventou diferente? Constituiu-se e deixou-se capturar pelo discurso da ordem do dia (pela “ordem do discurso”?), mesmo que por poucos segundos?

Assim é na Internet: constituições discursivas temporárias, sem suturas, porém com marcação de fronteiras, carregadas de diferenças, como na vida real.

TABELA 2

<i>Dados pessoais que são modificados na internet</i>			
	% Mulheres	% Homens	% Total
Idade	56,3	66,7	60,5
Nome	50,0	45,5	48,1
Aparência Física	31,3	42,4	35,8
Personalidade	35,4	24,2	30,9
Endereço	27,1	33,3	29,6
Sexo	22,9	27,3	24,7
Nada	6,3	18,2	11,1
Outras respostas	8,3	2,9	6,1

Na questão na qual os jovens foram questionados se costumam encontrar-se pessoalmente com as pessoas que conhecem na internet não houve diferenças percentuais significativas entre os sexos. Percebe-se que as conversas estabelecidas nas salas de bate-papo parecem restringir-se à internet, uma vez que aproximadamente 80% dos jovens (80,8% das mulheres e 77,5% dos homens) afirmaram nunca ou raramente encontrar pessoalmente as pessoas com quem conversam através das salas de bate-papo.

Já em relação à pergunta “Você se faz passar por alguém diferente na internet?” percebeu-se que um maior número de mulheres indicou se passar por outra pessoa nas salas de bate-papo, quando comparadas aos homens (cerca de 56% contra 36%), e vice-versa.

Os principais tipos de informações pessoais que os entrevistados relataram modificar quando conversam nas salas de bate-papo são mostrados na Tabela 2 (questão aberta). Observa-se que idade, nome e aparência física foram os três aspectos mais citados pelos sujeitos, considerando-se ambos os sexos, com destaque pela idade, com mais de 60% de referências espontâneas. Não foram observadas diferenças estatisticamente significativa nos percentuais de homens e mulheres em cada categoria.

A Internet cria, hoje, uma revolução sem precedentes na história da humanidade. Pela primeira vez, o Homem pode trocar informações, sob as mais diversas formas, de maneira instantânea e planetária. Como diz Walker (1988) quando estamos a interagir com o computador, não estamos a conversar com outras pessoas, mas a explorar outro mundo.

No anonimato das conversas on-line qualquer pessoa é capaz de não apenas expressar seus desejos e fantasias com uma liberdade que jamais teria no mundo real, como também de projetar com mais intensidade no outro suas aspirações, ansiedades e receios. No teclado o medo de rejeição praticamente desaparece, em razão da possibilidade de sair de cena a qualquer momento, sem deixar qualquer pista sobre sua própria identidade.

Durante a entrevista “LUA” diz: “Obviamente acabo por ser na Internet algo diferente da que sou ao vivo, mas isso não é derivado a qualquer vontade minha consciente, mas as circunstâncias de não estar a ser vista e de por ventura sem se quer conhecer a pessoa que está do outro lado”.

A Internet, assim proporciona uma gratificação imediata, uma experiência prazerosa que pode reforçar determinados comportamentos e necessidades não supridas no mundo real (BALLONE, 2003).

TABELA 3

<i>Temas sobre os quais os adolescentes dizem conversar nas salas de bate-papo</i>			
	% Mulheres	% Homens	% Total
Gostos e interesses	35,4	28,9	33,1
Dia a dia	22,8	20,0	21,8
Qualquer assunto	17,7	22,2	19,4
Assuntos gerais	19,0	17,8	18,5
Outra coisa	15,2	13,3	14,5
Vida pessoal	12,7	2,2	8,9
Sexo	1,3	4,4	2,4

No que se refere aos motivos que levavam os sujeitos a modificar os seus dados pessoais na rede, não foram observados diferenças percentuais significativas. Os principais motivos foram: segurança/não se expor (36,7%), diversão (22,4%) e liberdade para falar o que quer (6,1%). Vale observar que 12,2% dos jovens afirmaram não modificar seus dados pessoais na rede.

As principais categorias de assuntos abordados pelos jovens em suas conversas nas salas de bate-papo encontram-se listados na Tabela 3, com suas respectivas frequências: total e por sexo (questão aberta). A categoria mais citada foi “gostos e interesses”, com cerca de 30% das respostas incluídas sob este rótulo (considerando-se o total). Em

contraste, “aspectos da vida pessoal” e “sexo” foram às categorias menos frequentes, com aproximadamente 9% e 2% das respostas, respectivamente. Não foram observadas diferenças estatisticamente significativa nas proporções de homens e mulheres em cada categoria.

Seo (2000) nos chama a atenção para o fato de que muitos jovens, às vezes, não estão protegidos contra as informações anti-sociais que são veiculadas na Rede, como por exemplo, as relativas à pornografia, armas, violência, informações falsas, violência verbal nas comunidades virtuais etc. São jovens que têm amigos e vizinhos através da Internet, não lhes interessa se estes vivem ao lado de suas casa ou do outro lado do mundo: são seus amigos virtuais cibernéticos.

Uma das entrevistadas de codinome SOL afirmou não ter restrições de assuntos nas salas de bate-papo: “Certa vez cheguei até a falar para a pessoa que teclava na sala que havia me envolvido com drogas depois de perder uma pessoa que amava muito pelo simples fato de sentir medo do preconceito da sociedade (estava gostando de uma mulher). Fui fraca, covarde e paguei da pior maneira minha fraqueza. Até hoje sofro por causa dela e não consigo me livrar das drogas”.

Algumas pessoas parecem precisar desabafar, falar dos seus problemas, principalmente quando eles não seriam vistos com bons olhos pela sociedade. Na Internet fala-se sobre eles sem medo já que ao sair dali não se terá mais notícias sobre o assunto e muito menos se saberá quem está do outro lado.

TABELA 4

<i>Temas que os adolescentes afirmam não conversar nas salas de bate-papo</i>			
	% Mulheres	% Homens	% Total
Minha vida pessoal	53,9	36,2	47,2
Sexo e pornografia	39,2	6,4	23,6

Outra coisa	11,8	25,5	17,1
Não teria restrições de assuntos	13,2	19,1	15,4
Meus dados pessoais	5,3	4,3	4,9
Religião	2,6	8,5	4,9
Bobagens	3,9	4,3	4,1

A Tabela 4 apresenta as freqüências observadas nas categorias relativas aos assuntos que os jovens não conversariam nas salas de bate-papo, por sexo e total (questão aberta). Observa-se que o assunto mais rejeitado para conversas nas salas virtuais é “vida pessoal”, com cerca de 47% de referências (no total). Apenas para o assunto “sexo” a diferença de percentuais observada entre homens e mulheres foi estatisticamente significativa.

Além do anonimato, a interação interpessoal no ciberespaço faculta o nivelamento do status, as tão almejadas igualdades entre as pessoas e todos os outros que, na vida real, poderiam se apresentar como superiores, não interessam on-line, a verdade social, as diferenças abissais. O que realmente importa é a habilidade em se comunicar. Na Internet, a geografia é irrelevante, assim como são irrelevantes as diferenças sociais. Ao se converterem à vida real essas relações internéticas podem ruir, mas, até que isso aconteça, a fantasia satisfaz e afaga muitos egos em todo o mundo (SAYEG, 2000).

Numa das entradas na sala de bate-papo “conheci” SOL. Ao ser questionada sobre as mentiras ditas nas salas comentou: “As pessoas têm menos pudor: têm menos timidez. Acho que no fundo, mesmo no fundo, traduz muito melhor o interior de cada um. Isto é se soubermos decifrar por vezes as máscaras que as pessoas põem por cima das máscaras para conseguir algo. As pessoas são mais...reais. E se são egoístas, vão ser egoístas, o que tem, se são mentirosas, vão mentir é um bocado assim”. Fica claro que o fato de estarem no mundo real elas mentem sem medo, mas essas mentiras podem também ser características da pessoa fora do mundo real.

TABELA 5

<i>O QUE É CONFESSADAMENTE INTERESSANTE NAS SALAS DE BATE-PAPO</i>			
	% Mulheres	% Homens	% Total
Nada é interessante	21,5	22,0	21,7
Trocar informações com pessoas de todo o mundo	20,3	22,0	20,8
Se divertir	19,0	12,2	16,7
Outras respostas	17,7	14,6	16,7
Conhecer pessoas	12,7	19,5	15,0
Não ser reconhecido	7,6	7,3	7,5
Poder mentir	2,5	2,4	2,5

Com relação à questão que perguntava se haviam assuntos que os participantes falariam apenas na internet, observou-se que mais de 70% das respostas foi negativa a esta questão. Esse dado nos sugere que a rede não é vista como um ambiente tão propício para a exposição de si, como alguns autores sugere.

Ainda questionou-se os jovens: “Você acha mais fácil falar de assuntos íntimos na internet?”, observando-se uma associação estatisticamente entre o sexo e a resposta. Um percentual significativamente maior de homens referiu-se achar mais fácil falar de temas íntimos na internet em comparação às mulheres (49% de homens contra 27,8%). Os homens também indicaram sentirem-se mais protegidos para falar nas salas de bate-papo (comparativamente às interações face a face) do que as mulheres. Observa-se que 37,5% dos homens responderam afirmativamente a questão em comparação a 21,5% das mulheres. Contudo, a maioria dos jovens não considera que as conversas que estabelecem nas salas de bate-papo lhes auxiliam a se conhecer melhor (75% responderam que não), não sendo observada associação estatisticamente significativa entre sexo e resposta.

Poucos jovens parecem buscar ajuda para resolver seus problemas nas salas de bate-papo na internet (apenas 11% declararam usar a rede com este intuito). Neste aspecto também não foi observada associação estatisticamente significativa entre sexo e resposta.

Ao avaliar a qualidade de suas conversas nas salas de bate-papo, os jovens consideraram que estas são, principalmente, divertidas (29,3), superficial-fúteis (26%), inúteis (21,1%) e mentirosas (15,4%). Apenas 7,3% das respostas indicaram que as conversas estabelecidas nas salas de bate-papo servem para conhecer pessoas. Neste último item, observa-se uma diferença significativa na opinião de homens e mulheres: enquanto 14,9% dos jovens do sexo masculino acreditam que as conversas na rede sirvam para conhecer pessoas, apenas 2,6% das meninas possuem essa crença.

A Tabela 5 apresenta as respostas dadas à questão que abordava o que os jovens percebiam como interessante nas salas de bate-papo (questão aberta). As categorias de respostas mais salientes foram: “nada interessante” (com frequência de 22%) e “possibilidade de trocar informações com pessoas de todo o mundo” (com 21%). Não foram observadas diferenças estatisticamente significativa nas proposições de homens e mulheres em cada categoria.

As pessoas questionadas nas salas afirmaram que é interessante poder mentir sem serem descobertos e logo em seguida disseram ser um inconveniente não saber se as pessoas estão mentindo, ou seja, “eu” posso mentir, mas o “outro” não. O ser humano mostra-se cada vez mais egoísta e com a chegada da Internet me parece que ficaram também insensíveis, hipócritas e desumanos. “Sempre sou superficial nas minhas conversas, não quero me expor e nem colocar minha vida pessoal nas mãos de pessoas que nunca vi antes e que não sei se realmente são quem dizem ser, por isso acabo querendo saber sempre mais do que me revelo pra elas”, afirmou M. S. P.

TABELA 6

<i>O QUE É CONFESSADAMENTE INCONVENIENTE NAS SALAS DE BATE-PAPO</i>			
	% Mulheres	% Homens	% Total
Não saber se as pessoas estão mentindo	17,3	23,3	19,5
A falta de educação	20,0	16,3	18,5
A invasão da vida pessoal	20,0	0,0	12,7
Outras respostas	12,0	14,0	12,7
Não há inconveniente	6,7	18,6	11,0
A superficialidade dos assuntos	10,7	9,3	10,2
Não conhecer as pessoas	6,7	7,0	6,8
Falta de segurança	6,7	4,7	5,9
Tudo	4,8	9,3	5,9

Já a Tabela 6 mostra as freqüências para as categorias de respostas na questão relativa ao que os jovens consideravam inconveniente nas salas de bate-papo (questão aberta). Observa-se que analisando homens e mulheres em conjunto, o fator considerado mais inconveniente pelos participantes do estudo é não saber se o que é dito nas salas é verdadeiro ou não, com cerca de 20% de referências; em seguida, destaca-se a categoria “falta de educação”, com aproximadamente 19%. Deve-se ressaltar, contudo que as diferenças nas proporções de homens e mulheres para as categorias “invasão da vida pessoal” e “não vêem inconveniente” foram estatisticamente significativas, com mais mulheres do que homens achando a invasão de privacidade um inconveniente mais homens do que mulheres não vendo inconvenientes nas conversas das salas de bate-papo (as demais comparações não foram significativas).

Como hipótese de interpretação, que padece de melhor explicitação nos seus pressupostos psicológicos, Turkle remete tais auto-percepções para pressões exercidas socialmente, visto que “(...) em suas recentes, muitos psicólogos, teóricos das ciências sociais, psicanalistas e filósofos têm vindo a defender que o eu deve ser encanado como essencialmente descentrado, mas as exigências normais da vida cotidiana exerceram uma grande pressão sobre as pessoas para que assumam responsabilidades pelos seus atos e se vejam a si próprios como atores intencionais e unitários”.

Conceptualmente denota-se assim um sentido de “integridade” na linha de Giddens, segundo a qual os atores atualizam uma preocupação em manter uma coerência e equilíbrio das suas condutas perante as exigências e contextos divergentes de ação, conotando negativamente a idéia de fragmentação. De fato, recusa-se a concepção radical da identidade como conjunto desordenado de vários “personae”, mediante as situações de interação em que o autor se depara na sua vida cotidiana; esta fragmentação tão acentuada colocaria, por um lado, problemas de integração no ambiente envolvente, e por outro, tensões entre as diversas identidades, algumas certamente, em conflito constante. A proclamada “morte do autor” não deve ser entendida então como a desintegração total do sujeito numa infinidade de dispersões, entregue às suas próprias vontades e desejos, mas sim como uma idéia para repensar a importância dos diversos contextos de interação na construção das identidades.

4. CONCLUSÃO

Como a história nos tem mostrado, o Homem têm-se adaptado magistralmente às inovações tecnológicas, permitindo que do longe se faça perto e que o ontem e o amanhã se tornem o agora, com o objetivo de reunir indivíduos, de qualquer ponto do planeta, de qualquer idade, mas unidos por uma comunhão de interesses, idéias, crenças, valores, que não estejam circunscritos a um espaço e a um tempo.

Existe hoje uma modificação nas relações sociais – interpessoais – entre os indivíduos, sobretudo na forma como interação - o que dizem, como dizem, porque dizem, quando o dizem. Porém, na nos parece que essa nova forma de comunicação possa interferir profundamente na estrutura e organização das redes de relações interpessoais.

A maior parte dos jovens dessa pesquisa estava habituada a dispensar muito tempo na utilização das salas de bate-papo (menos de uma hora), assim como não costumava acessar frequentemente as salas. O uso das salas de bate-papo foi predominantemente associado à diversão e ao conhecimento “superficial” de pessoas. Para jovens estendiam às suas experiências estabelecidas pela internet às suas experiências presenciais de encontro com o outro.

Os jovens demonstraram interesse em se divertir e passar seu tempo, possivelmente conversando com outros acerca de seus gostos e interesses, assuntos gerais como política e esporte (entre outros) ou então suas atividades cotidianas de maneira superficial. Eles não parecem considerar estes temas como pertencentes a sua esfera íntima (vida pessoal). Aproximadamente metade deles apontou ter restrições a abordar aspectos de sua vida pessoal nas salas de bate-papo, considerando um inconveniente a inovação da privacidade possibilitada pela internet.

Esses dados estão em desacordo com as idéias de Cooper e Sportolari (1997) que supõem que as pessoas se revelam mais e de forma mais rápida através da comunicação mediada por computador do que elas fariam em suas relações face a face. A internet, para estes autores, possibilitaria um maior controle do espaço pessoal que existe nas relações interpessoais. Este espaço autônomo, que pode ser facilmente invadido por

outros nas relações cotidianas, seja fisicamente ou psicologicamente, estaria mais preservado nas relações estabelecidas através do computador, facilitando dessa forma a revelação ao outro. Contudo, os jovens desta pesquisa parecem se restringir a abordar assuntos mais superficiais e periféricos acerca de si mesmo, sentindo-se incomodados ao receberem perguntas consideradas indiscretas. Aparentemente, não existe um interesse maior na revelação de aspectos mais íntimos, pois as relações ali estabelecidas são vistas como um mero passatempo ou pouco confiáveis (mentirosas). É interessante observar que os dados indicam uma tendência: as mulheres sentem-se mais incomodadas do que os homens quando são realizadas perguntas indiscretas, principalmente as que abordam o tema sexualidade.

Alguns autores supõem que as salas de bate-papo, por possibilitarem o anonimato e o uso da imaginação/criação de personagens, poderiam estar revolucionando o falar-de-si, as relações interpessoais e a própria identidade dos indivíduos. Turkle (1995) e Suller (2000) consideram que a ausência de identificação e de contato físico possibilitaria a exploração do outro e de si próprio num ambiente de relativo controle e segurança. A falta de pistas de orientação, comuns nas interações face a face daria a oportunidade de construção e experimentação de diferentes personagens, dentro de um contexto considerado como seguro e lúdico. A proteção oferecida pelo anonimato permitiria a experimentação de papéis e a realização virtual de fantasias que não seriam admissíveis ou possíveis para a maioria das pessoas na vida real de forma desinibida. Nesta pesquisa, entretanto, observou-se que poucos sujeitos indicaram essas características como vantagem para a utilização da rede já que apenas 10% dos participantes fizeram uma referência espontânea as características anonimato (ou mentira) e possibilidade de criação de personagens. Na verdade; o anonimato parece estar mais associado aos inconvenientes dessa forma de comunicação dos que aos seus possíveis aspectos interessantes. De fato, a “mentira” (impossibilidade de saber se o que é dito nas salas é verdade ou não), o “não conhecer as pessoas” e a “falta de segurança” produzida pelo anonimato foram as principais categorias de inconvenientes citadas pelos jovens da pesquisa.

Apesar de considerado pouco interessante, o anonimato permitiu à metade dos jovens se passarem por alguém diferente nas suas interações nas salas de bate-papo, sendo observado que um percentual significativamente maior de mulheres utilizou-se

desse recurso. Possivelmente as meninas construam e se sintam mais aptas à criação de personagens, pois estendem suas habilidades relacionais das interações face a face para o ambiente virtual. Mesmo na Rede, parecem encontrar-se mais preocupadas em conversar e estabelecer um contato de algum modo significativo com o outro, o que podem fazer lançando mão da imaginação. Já os homens, quando resolvem criar um personagem (construído na rede), não parecem possuir intenções relacionadas ou de conhecimento do outro. Pode-se observar que esse personagem geralmente assume um caráter de agressão ou contestação do outro. Algumas respostas masculinas oferecidas à questão “por que se faz passar por alguém diferente?” são ilustrativas: “Pra zuar as fãzinhas babacas desse cara” _ “Para zoar, inventei um nick “Lomburda”, tecliei com várias garotas e garotos, marquei vários encontros e não fui a nenhum”. Nenhuma menina ofereceu justificativa similar, embora ambos os sexos tenham se referido à diversão como motivação para criação de personagens.

O principal dado modificado pelos jovens foi idade, sendo seguido pelo nome. É possível que esses jovens alterem suas idades para poderem se relacionar com pessoas mais velhas, e serem aceitas pelas mesmas. A troca da idade permite aos jovens, nesse momento do desenvolvimento, explorar e experimentar papéis mais “adultos”. Na verdade, os jovens podem ou estar buscando verificar se já possui idéias e comportamentos suficientes maduros (através da validação que o outro pode dar as suas “ações”) ou ainda podem estar testando como se sentem encenando um papel adulto. O nome frequentemente, é modificado nas interações estabelecidas nos chats, pois é ele que oferece os primeiros indícios de identidade do personagem ou mesmo para o estabelecimento da relação. Campos (2001) afirma que o nick (nome atribuído na rede) é a identidade do internauta nas salas de bate-papo; é ele que o apresenta, oferecendo vários indícios acerca da identidade real de seu portador.

Ainda que não tenham sido observadas diferenças significativas nas demais características modificadas nas salas de bate-papo, é interessante destacarmos os percentuais observados para as categorias aparência física (na qual o percentual de homens foi maior que os de mulheres) e personalidade (onde ocorreu o contrário). Essa tendência pode ser explicada através das diferenças de gênero tradicionalmente observadas em nossa sociedade ocidental. O homem, de modo geral, é mais avaliado por seus atributos físicos e capacidade para realização/empreendimento enquanto as

mulheres são mais julgadas por aspectos relacionais e afetivos. Ainda outra diferença associada aos estereótipos culturais vinculados aos papéis de gêneros foi a preferência masculina por abordar temas relacionados à sexualidade e pornografia.

As salas de bate-papo não foram percebidas como um recurso para falar de problemas pessoais. De fato, poucos jovens admitiram discutir seus problemas na rede. Os adolescentes não consideram que as conversas ali desenvolvidas lhes auxiliem a se conhecer melhor. Da mesma forma, as salas não são lugares preferenciais para a revelação de si. No entanto, os resultados parecem apoiar parcialmente as idéias de Merkle e Richardson (2000). Esses autores acreditam que a rede oferece a possibilidade de desvinculação dos estereótipos sexuais, uma vez que as diferenças de gênero encontradas na revelação de si face a face poderiam ser diminuídas ou mesmo apagadas na internet. A rede, ao possibilitar o anonimato, oportunizaria que homens possam falar abertamente de seus sentimentos e emoções, sem as preocupações de pôr em risco a sua imagem pessoal, enquanto as mulheres também se mostrariam mais livres para revelarem desejos secretos. Nesta pesquisa, observou-se uma tendência dos informantes do sexo masculino a se sentirem mais protegidos para falarem a cerca de assuntos pessoais na rede, assim como acharem mais fácil de falar assuntos íntimos, especialmente relacionados à sexualidade. Talvez essa recusa esteja associada ao baixo nível e à falta de seriedade com que esses assuntos parecem ser tratados através desse meio de comunicação.

Por fim, cabe observar que as salas de bate-papo, embora ofereçam oportunidades para revelação de si íntimas sem riscos e os comprometimentos das interações face a face, não parecem se constituir em lugares apropriados para a revelação de si na percepção destes jovens. As salas de bate-papo são percebidas preferencialmente como lugares de diversão nos quais podem ser estabelecidas novas relações através de conversas leves e superficiais que abordam informações periféricas de si mesmo ou então temas mais gerais do cotidiano.

Algumas ressalvas metodológicas precisam ser feitas neste estudo. Em primeiro lugar, a amostra utilizada na pesquisa não foi aleatória e nem pode ser considerada representativa de toda a população de adolescentes usuários da internet. Ela foi formada em sua maioria por pessoas que dizem não utilizarem as salas de bate-papo

regularmente, o que pode ter introduzido algum viés nos resultados. Talvez outros perfis de usuários apresentem comportamentos e interesses diferenciados. Em segundo lugar, algumas limitações do próprio instrumento devem ser indicadas. Trabalhamos com a classificação de respostas muitas vezes lacônicas e pouco informativas, o que pode ter provocado equívocos na interpretação das mesmas. Buscamos reduzir esses efeitos através da utilização de dois decodificadores, contudo, os resultados aqui apresentados precisam ser considerados com cautela. Futuras pesquisas que superem essas limitações metodológicas se fazem necessárias para que se possa corroborar (ou não) os resultados desta pesquisa.

REFERÊNCIAS:

- BALLONE, G. J. (2003). Compulsão à Internet, Mito ou Realidade. Disponível em <http://glollone.sites.uol.com.br/temas/internet.html> - Atualizado em 2003 – Acesso – 17/04/2008
- CAMARGO, A. (1984). Os usos da história oral e da história de vida: trabalhando com elites políticas. *Revista de Ciências Sociais*, v. 27, n. 1, p. 5 - 28.
- CAMPOS, I. V. (2001). Os nicks nas salas de chat (bate-papo). Obtido em 07 de Janeiro de 2008 do: <http://www.pucsp.br/clinica/salachat.html>.
- CIVILETTI, M. V. P. & Pereira, R (2002). *Pulsões Contemporâneas de Desejo: Paixões e libido nas salas de bate – papo virtual*. *Psicologia Ciência e Profissão*, 22,38 – 49.
- CULLER, Jonathan, (1999). *Teoria literária _ uma introdução*. São Paulo: Beca Tradução de Sandra Gardini. T. Vasconcelos.
- DAUSTER, R. (2000). *Filmes, amigos e bares: a socialização de cineastas na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. Tese (dout.) Departamento de Educação, PUC.
- DURHAN, E. R. (1986). A pesquisa antropológica em populações urbanas: problemas e perspectivas. In: CARDOSO, R. (org.). *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 17 – 38.
- ERIKSON, E. (1971). *Identidade, juventude e crise*. (A. Amado, Trad.) Rio de Janeiro; Zahar (originalmente publicado em 1968).
- FERREIRA, Paulo Henrique, (2003). *Pura diversão*. In: *Tecnologia da informação – new media*. Disponível em <<http://www.Bigbig.com.br/newmedia/041102.htm>> Acesso em 28 de dez.2007.
- GIFFITS, M. D. (1997). Children and internet. *Média Education Journal*, 21, 31 - 33.

HALL, Stuart, (1997). *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. Educação e Realidade*. Porto Alegre, FAGED/UFRGS, v.22, nº. 2, p.15 – 46 jul./dez.

_____ (1998). *A identidade cultural na pós-modernidade*. 9ª ed. Rio de Janeiro. DP&A. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.

_____ (2000). *Quem precisa de identidade?* In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes. P. 103 – 133.

IBOPE (2004) *Brasileiros batem novo recorde de navegação na internet*. Obtido em 20 de junho de 2005 do world wide web: <http://www.ibope.com.br/calandra/web/servlet/calandraRedirect?Temp>.

INTERNE NEY, (2003). [weblog]. *Frequently asked questions*. Disponível em <<http://www.interney.net/blogfaq.Php>>. Acesso em: 23 dez. 2007.

LEON, D. T. & ROTUNDA, R. J. (2000). Contrasting case studies of frequent internet use: Is it pathological or adaptive? *Journal of College Student Psychaterapy*, 14, 9 – 18.

LÉVY, Pierre. (2001). *O que é o virtual?* Coleção Cibercultura, Quarteto Editora, Coimbra.

_____ (1994). *As tecnologias da Inteligência _ O Futuro do Pensamento na Era da Informática*. Instituto Piaget, Lisboa.

MERKLE, E. R. & Richardson, P. A. (2000). Digital dating and virtual relating: Conceptualizing computer mediated romantic relationships. *Family relations*, 49, 187 – 192.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. (1998) *Na malha da rede: Os impactos íntimos da internet*. Rio de Janeiro: Ed. Campus.

QUEIROZ, M. I. P. (1988). Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: VONSIMSON, O. M. (org. e intr.). Experimentos com históricos de vida (Itália – Brasil). São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais, v. 5, p. 68 – 80.

RUFFINO, R. (1995). Sobre o lugar da adolescência na teoria do sujeito. Em C. Rappaport (Org.), Adolescência: Abordagem psicanalítica. (pp. 25 – 58). São Paulo: E. P. U.

SEO, Yoon Bong, (2000). Duas frutas da cibernética da era: a rede e os hackers da geração. Universidade de Guadalajara, 8p. Disponível em <http://www.fuentes.csh.udg.mx/CUCSH/Sincronia/joan.htm>. Acesso em: 24 de janeiro de 2008.

STORCH, Lea & COZAC, João Ricardo. *Relações Virtuais*. Petrópolis; Vozes, 1995.

SULLER, J. (2000). Hypotheses about online text relationships. Obtido em 04 de fevereiro de 2008 do <http://www.rider.edu/users/suler/psycyber/textrel.html>.

TAPSCOTT, Don, (1999). A crescente e inversível ascensão da geração net. São Paulo: Makron Books. Tradução de Ruth Gabriela Bahr.

TELLES, Maria Luíza Silvério. (1996). O que é Psicologia. 9 ed. São Paulo. Brasiliense.

TURKLE, Sherry. *O Segundo eu: Os comportamentos e o espírito humano*. Lisboa: Presença 1989.

_____ (1997). Ávida no ecrã; a identidade na era da internet. Lisboa: Relógio D'Água Editores: Tradução de Paulo Faria.

_____ (1995). Life on the screen: Identity in the age of the internet. New York. Touchstone.

VELHO, G. (1986). *Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Zahar.

ZIZEK, Slavoj. *Bem - Vindo ao Deserto do Real*. São Paulo. Bontempo, 2003.

WWW.aprendebrasil.com.br/entrevistas/entrevistas0085.asp.

WALKER, J. (1988). *Through the looking glass*. Autodesk, CA.